



ENTRE HATERS E TROLLS: O DISCURSO DO ÓDIO E A BANALIDADE DO MAL – COMENTÁRIOS SOBRE ADOLESCENTES INFAMES NO *FACEBOOK*

WeidsonLeles Gomes¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais, weisonleles@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento do discurso do ódio no *Facebook* em comentários de notícias sobre atos infracionais cometidos por adolescentes. Portanto, utilizou-se da netnografia e da análise do discurso de inspiração foucaultiana, buscando contribuir para uma reflexão sobre o ódio em redes sociais.

Palavras-chave: Discurso do ódio, *Facebook*, Adolescente, Ato infracional.

1. Introdução

É cada vez maior o número de atividades que se desenvolve no cotidiano em que há mediação tecnológica. A *internet* aparece como um espaço onde se torna possível um tipo de interação diferenciada. Rompem-se as fronteiras, os territórios, os tempos; potencializam-se as capacidades de comunicação e de expressão. A abertura do canal de emissão permite que qualquer um, com acesso a internet, se torne um autor, permite que qualquer um comente notícias veiculadas.

Por outro lado, o discurso da violência, do medo e da falta de segurança é recorrente. Presencia-se a criação do pânico, do sensacionalismo e a culpabilização da juventude pobre e negra (VOLPI, 1999); esta que é ao mesmo tempo apontada nas estatísticas como maior vítima da violência (FISCHER, 2012). Volpi (1999) argumenta que o adolescente que comete atos infracionais é desqualificado e cria-se a imagem de que o “menor” que comete atos infracionais não pode passar impune. Em conformidade com o exposto acima, circunscreve-se o seguinte problema: como funciona o discurso do ódio sobre o adolescente que comete atos infracionais em comentários de notícias veiculadas na *Facebook*?



Para seu desenvolvimento, o artigo articulou procedimentos da netnografia e da análise de discurso de inspiração foucaultiana, tendo como *corpus* os textos extraídos do *Facebook* com as reações a respeito de *posts* envolvendo adolescentes que cometem atos infracionais. Entende-se que as reações em redes sociais podem ser um interessante campo de análise do discurso em sua descontinuidade.

Segundo Pinto et. al. (2007), netnografia utiliza os conceitos da etnografia de modo ressignificado e os aplica ao universo ciberespacial. Quanto à análise do discurso foucaultiana, em Foucault, os discursos são finitos e históricos; funcionam em determinados momentos históricos e têm uma temporalidade. Submetem os sujeitos, seus corpos como a materialidade que demandam. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva.” (FOUCAULT, 1986, p.135). Os discursos podem ser melhor analisados pela descrição dos enunciados. Foucault não se preocupa com o já dito, nem com o jamais dito, mas com o dito: os discursos efetivamente pronunciados. “Haveria um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente” (Fischer, 2002, p. 94).

O presente trabalho justifica-se em medida que não tem sido dada a devida atenção ao discurso do ódio no interior dos estudos sobre Linguagem e Educação. Outro fator que fez com que se pensasse nessa temática é que não foram encontrados trabalhos que analisam discursos na *internet* a respeito de adolescentes que cometem atos infracionais. A justificativa para escolha do *Facebook* é devido ao seu alcance, grande número de usuários e a frequência de seu uso.

Serão trazidas para a discussão as categorias *troll* e *hater*, argumentando-se que as redes sociais têm escancarado um lado perverso do humano, ou segundo um conceito de Arendt (1999), tem escancarado a “banalidade do mal”. Buscam-se estabelecer relações entre os discursos e práticas atuais e do passado, entendendo, portanto, que este trabalho possa contribuir para uma reflexão mais profunda sobre o funcionamento do discurso do ódio sobre adolescentes em redes sociais.



2. Desenvolvimento

Em um breve levantamento, constata-se que há estudos analisando o discurso em sentenças, o discurso dos adolescentes ou mesmo o discurso na mídia de forma mais ampla (como na televisão e cinema). Geralmente, com abordagem psicanalítica, os estudos costumam abordar questões como o par-amoroso entre as adolescentes em cumprimento de medida e parcerias amorosas com envolvidos na criminalidade.

Constata-se assim a ausência de análises do discurso em redes sociais sobre adolescentes que cometem atos infracionais. As redes sociais, segundo Dias (2011, p.1), “são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento”.

A justificativa de escolha do *Facebook* foi devido ao número de usuários e à sua frequência de uso. De acordo com Patrício e Gonçalves (2010, 594), o “*Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos”.

Neste cenário do ciberespaço, surgem as figuras dos *haters* e dos *trolls* propagando o discurso do ódio. O *hater*, tradução literal de “odiador”, seria um sujeito que destila o seu ódio no ciberespaço sem o filtro do politicamente correto e, por vezes, se esconde por trás do anonimato e de perfis *fakes* (perfis falsos). Já o *troll*, inicialmente uma criatura mitológica que cobraria pedágios em pontes ameaçando os viajantes, na *internet* diz respeito a uma subjetividade que busca semear o ódio com a violência simbólica (BOURDIEU, 2006) e influencia outros usuários a adotarem práticas semelhantes, talvez por busca de reconhecimento ou de pertencimento a um grupo.

Segundo Brugger (2007, p.118) “o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem



a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”.

Considerando o exposto, uma única notícia publicada na Página Oficial da “Rádio Itatiaia” foi suficiente para o *corpus* da análise que aqui se esboça. A página é curtida por 633.191 pessoas e a manchete: “Deu mole. Estava folgado demais’, diz menor que participou do assassinato brutal de cabo da PM” teve, até o momento de colhimento dos dados, 648 compartilhamentos, 451 comentários (na página, pois em cada compartilhamento pode haver comentários públicos ou não) e cerca de 2700 curtidas das quais 720 reações indicavam raiva, ou como se pode verificar pelos comentários, ódio.

3. Conclusão

Ao analisar o *corpus*, práticas do passado mostram-se recorrentes e clama-se por punições em praças públicas e enforcamento. Condena-se o direito à procriação e comparam-se adolescentes a animais, pragas, pestes, erva-daninhas, vermes, lixo e condena-se a pobreza. É incitada e incentivada a justiça pelas próprias mãos e o Estado de Exceção (AGAMBEM, 2004), bem como a pena de morte e a tortura. Vemos como se busca construir a imagem do adolescente como “vida nua”, apenas biológica; como *homo sacer*, sagrado, maldito ou matável; animalizado, demonizado para ser exorcizado.

Retomam-se termos tipicamente associáveis à Doutrina da Situação Irregular como menor e delinquente. Nesse caso, “menor” não diz de uma distinção jurídica, mas busca-se “caracterizar e distinguir socialmente atores na mesma faixa etária” (PASSETI, 1986).

Constata-se também que enunciados religiosos associam os adolescentes a figuras demoníacas. É sugerido inclusive que se arranquem as cabeças e queimem os



corpos como se faz com as bruxas. Surge uma dica de como forjar uma possível cena do crime no qual os adolescentes teriam resistido a uma abordagem para justificar “meter bala e mandar a conta *pro capeta*”.

Insta salientar que a análise do discurso é sempre política. A polarização e a crise atual no cenário político brasileiro aparecem nos comentários ao associar-se os 14 anos do adolescente a 14 anos de “desgoverno” do PT. Clama-se por Bolsonaro e condenam-se os Direitos Humanos e seus defensores.

Entende-se nesse trabalho que, no momento em que os adolescentes cruzam o discurso do ódio, temos os registros de suas existências. Uma existência infame. Os infames de Foucault (2003) desapareceriam não fosse o seu confronto com o poder. É esse encontro com o poder que nos deixaram os registros de suas existências.

Analisar as questões apresentadas é essencial para ampliar a discussão sobre o adolescente que comete atos infracionais e refletir sobre o funcionamento do discurso do ódio em redes sociais. Foi possível também estabelecer uma relação entre os enunciados dos discursos sobre o adolescente que comete atos infracionais e enunciados de outros discursos como os presentes na Doutrina da Situação Irregular que propaga uma noção do adolescente ainda visto como “menor” e delinquente e o discurso religioso que introduz o demônio para justificar seu exorcismo. Observa-se ainda que as redes sociais têm escancarado um lado perverso do humano, onde o discurso do ódio busca produzir um outro a ser recolhido, exterminado, punido e destituído de humanidade.

Referências

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 14 ed. - Editora: Bertrand Brasil, 2006.

BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?** Algumas



observações sobre o direito alemão e o americano. Revista de Direito Público, v. 15 n. 117, jan./mar. 2007.

DIAS, C; COUTO, O. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Ling. (dis)curso**, Tubarão , v. 11, n. 3, p. 631-648, Dec. 2011. Disponível em: <http://goo.gl/3L6TZM>. Acesso em 05 Set. 2016.

FISCHER, R. **Trabalhar com Foucault**: Arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

PASSETTI, E. **Menores**: os prisioneiros do humanismo. Lua Nova, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 31-37, Dec. 1986 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de Maio de 2017.

PATRÍCIO, M; GONÇALVES, V. **Facebook**: rede social educativa? In: I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010.

PINTO, V. et al. "**Netnografia**": uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9, 2007, Lisboa. Lisboa: APBAD, 2007. p. 79-95. Disponível em <http://goo.gl/kFWmPK>. Acesso em 05 Set. 2016.

VOLPI, M (org). **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo, Cortez, 1999.